

TRAGÉDIA NA VENEZUELA / Ex-moradora do Distrito Federal morreu no terremoto de quarta-feira na Venezuela. Abalada pela perda, e em meio ao luto, a família pede ajuda ao governo para encontrar o corpo e providenciar a repatriação

O Brasil procura Vanessa

» ISABELLA ALMEIDA

A família da brasileira Vanessa Zacarias da Silva, 44 anos, ex-moradora do Distrito Federal que morreu no terremoto que atingiu a Venezuela na noite de quarta-feira, esperava até ontem informações sobre o resgate do corpo e o traslado para o Brasil. Encontrada ainda com vida, ela estava sendo levada para uma clínica em Camuribe, na região costeira de La Guaira, mas não resistiu. A informação, publicada com exclusividade pelo site do **Correio**, foi confirmada pelo irmão da vítima, Thiago Nogueira, que acompanha as buscas e aguarda notícias das autoridades.

Segundo Thiago, a família enfrenta grandes dificuldades para ter notícias sobre o paradeiro do corpo de Vanessa e os próximos passos para a repatriação. “Não temos mais informações, nem do consulado, nem do Itamaraty”, desabafou. “Estou tentando contato com pessoas na Venezuela para me darem mais notícias. Já me falaram de que a ligação entre Caracas e La Guaira começou a ser restabelecida e que as primeiras ajudas por via terrestre estão chegando”, relatou.

A vítima havia se mudado dois meses atrás para a Venezuela, onde vivia com o namorado. O casal morava no Brasil, mas decidiu neste ano recomeçar a vida em La Guaira, cidade localizada no litoral caribenho venezuelano. Apesar da mudança e da adaptação ao novo país, ela mantinha uma forte ligação com o país. “Ela amava o Brasil e, mesmo estando bem na Venezuela, queria regressar”, contou o irmão. Segundo ele, o desejo de retornar fazia parte dos planos de Vanessa, que nunca deixou de manter contato com a família.



Ela amava o Brasil e, mesmo estando bem na Venezuela, queria regressar”

Thiago Nogueira, irmão da brasileira morta na Venezuela

Raízes no Gama

Antes de se mudar para a Venezuela, ela morava no setor Oeste do Gama. Embora tenha passado muitos anos vivendo fora do país, fazia questão de retornar periodicamente para rever os familiares. “Minha irmã viveu grande parte da vida fora do Brasil, mas sempre que podia vinha para o Gama, porque gostava de estar perto da família e também porque gostava muito daqui”, disse. Em meio à dor da perda, a principal preocupação da família é conseguir localizar o corpo e iniciar o processo de repatriação. “Vamos encontrar nossa irmã e trazê-la para casa”, afirmou o irmão.

Ao **Correio**, o Itamaraty informou que não divulga informações pessoais e não deu detalhes sobre o resgate do corpo de Vanessa. “Informa-se que, em caso de falecimento de cidadão brasileiro no exterior, as embaixadas e consulados brasileiros podem prestar orientações gerais aos familiares, apoiar seus contatos com o governo local e cuidar da expedição de documentos, como o atestado consular de óbito, tão logo terminem os trâmites obrigatórios realizados pelas autoridades locais”,

diz a nota enviada ao jornal pelo ministério. “O traslado de restos mortais de brasileiros falecidos no exterior realiza-se apenas em situações excepcionais e devidamente motivadas.”

Enquanto isso, as dificuldades de comunicação e de deslocamento em algumas regiões afetadas pelo terremoto continuam atrasando o acesso às informações. Segundo relatos recebidos pela família, as conexões entre Caracas e La Guaira começaram a ser restabelecidas e as primeiras equipes de ajuda humanitária já conseguem chegar por via terrestre às áreas atingidas.

Vítimas estrangeiras

Além dos dois brasileiros — um homem e uma mulher, até as últimas informações —, outros países também anunciaram a morte de cidadãos na tragédia que abalou a Venezuela. O Ministério das Relações Exteriores de Portugal informou que 15 portugueses ou descendentes morreram nos dois terremotos.

Conforme a chancelaria da Espanha, pelo menos cinco cidadãos do país morreram e 119 estavam desaparecidos. Em janeiro de 2026, 147 mil espanhóis residiam na Venezuela, segundo dados do Ministério das Migrações da Espanha.

Um homem nascido em Caracas em 1970, cidadão venezuelano e italiano, morreu após o desabamento de um prédio no estado de La Guaira, anunciou o Ministério das Relações Exteriores da Itália. Roma calcula que quase 170 mil pessoas com passaporte italiano vivem na Venezuela. Além disso, dois cidadãos chineses foram confirmados entre as vítimas, até a tarde de ontem, informou a agência estatal de notícias Xinhua.

Arquivo pessoal



Vanessa Zacarias, saída do Gama para se radicar em Caracas: família busca ajuda para repatriação do corpo

Ajuda a caminho da cena de calamidade

Nelson Almeida/AFP



Socorristas embarcam em avião da FAB, em São Paulo

Em resposta à tragédia na Venezuela, o governo brasileiro enviou ontem um avião com equipes de apoio às operações de socorro. A missão humanitária internacional, coordenada pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), partiu do aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, rumo a Caracas. Hoje está prevista partida, também por via aérea, um hospital de campanha.

Em publicação nas redes sociais, o Ministério das Relações Exteriores informou que o ministro Mauro Vieira conversou por telefone com o chanceler venezuelano, Yván Gil. Durante a ligação, o chefe da diplomacia brasileira manifestou solidariedade ao povo venezuelano diante dos impactos provocados pelo terremoto, e informou que o Brasil prepara medidas de cooperação humanitária para auxiliar nas ações de resposta à emergência.

A força-tarefa brasileira é formada por agentes da Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (Sedec), além de bombeiros militares especializados em resgates em estruturas colapsadas e técnicos da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Também serão empregados cães farejadores treinados para localizar vítimas que estejam sob escombros.

Os bombeiros enviados são de corporações do Paraná, São Paulo e Minas Gerais, e têm experiência em operações de resgate em grandes desastres. Os técnicos da Anatel também atuarão para identificar aparelhos celulares que ainda estejam ligados, recurso que pode ajudar na localização de sobreviventes.

Mobilização global

Equipes de pelo menos 17 países estão se mobilizando para

ajudar a buscar sobreviventes nas áreas devastadas pelos sismos de quarta-feira, anunciou a ONU. Transportar esses socorristas é a “prioridade absoluta”, declarou o escritório das Nações Unidas para assuntos humanitários da ONU, o Ocha. “Os terremotos são uma das coisas mais devastadoras que podem acontecer a qualquer país”, afirmou o porta-voz da agência, Jens Laerke, em Genebra. “É algo realmente assustador. Mas o que estamos vivendo agora também é uma mobilização internacional em sua melhor versão. Todo o sistema humanitário está se movendo muito rápido e em grande escala”, acrescentou.

Até a noite de ontem, tinham sido mobilizadas ao menos 25 equipes, com um total de mil profissionais de resgate. Voluntários de Chile, Colômbia, El Salvador, Itália, México, Suíça, Estados Unidos e Cuba já tinham chegado. Além

deles, estavam a caminho equipes do Reino Unido, República Tcheca, Equador, França, Alemanha, Jordânia, Países Baixos, Catar e Espanha.

O Comitê Permanente Interinstitucional, fórum composto pelos responsáveis de organizações humanitárias da ONU e de outras esferas, pediu “acesso rápido e sem obstáculos” às pessoas afetadas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) destacou que, entre as necessidades imediatas, estão o gerenciamento de vítimas em massa e o atendimento traumatológico, especialmente em áreas com edifícios desabados.

“A prioridade absoluta é resgatar o maior número possível de pessoas, ao mesmo tempo em que se presta urgentemente assistência sanitária vital aos feridos”, afirmou Ciro Ugarte, diretor de emergências da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas). “As primeiras 72 horas são cruciais para salvar vidas.”

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.DF@GMAIL.COM

O alvo é toda a América Latina

A celebração de Donald Trump pela eleição de mais dois aliados na América do Sul não deu margem a dúvidas quanto ao que se anuncia para a disputa pelo Planalto. Se restasse alguma, o próprio magnata tratou de explicitar seus planos: depois de Peru e Colômbia, o Brasil foi enumerado como “o próximo alvo”.

O presidente não faz segredo sobre a prioridade que dá à recuperação da hegemonia dos EUA nas Américas, que a diplomacia de Washington designa como Hemisfério Ocidental. Em especial na disputa pelo segundo mandato, Trump acusou os antecessores democratas de abandonar a região que seu secretário de Estado, Marco Rubio, não hesita em chamar de “nosso quintal”.

Desde seu retorno, a Casa Branca

pilotou a colocação em série de trumpistas à frente de governos ao sul do Rio Grande. Só na vizinhança imediata do Brasil, conta hoje com parceiros na Argentina, Paraguai, Bolívia, Chile e Equador, além dos recém-eleitos Abelardo de la Espriella e Keiko Fujimori. Na Venezuela, a intervenção militar, com o sequestro de Nicolás Maduro e o controle naval sobre as exportações de petróleo, neutraliza — no mínimo — o regime bolivariano.

De saída do Golfo Pérsico, com resultados discutíveis na investida contra o Irã, Trump tem na “reconquista” da América Latina um troféu a exibir na difícil disputa à vista nas eleições legislativas de novembro, quando estará em jogo a maioria governista na Câmara e, possivelmente, também no Senado.

Joia da coroa

Antes mesmo de enunciar o Brasil como a próxima escala, o presidente já apontava a proa de sua força naval para um objetivo de alcance histórico. Depois de “resolver” o conflito com a República Islâmica, prometeu, seria a vez de Cuba.

Depor o regime comunista que há quase sete décadas desafia os EUA, no horizonte da Flórida, representa engastar à coroa, como adorno, a “pérola do Caribe”, como a ilha é também conhecida — desde quando suas praias, e sobretudo os cassinos e bordéis, eram o paraíso de milionários (e mafiosos) estadunidenses.

Bode na sala

Na primeira semana de julho, ainda com a Copa do Mundo desfilingo pelos estádios, o Congresso dos EUA se oferece como palco para um movimento capaz de delimitar o alcance da incidência trumpista na corrida ao Planalto. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) fez pedido formal para falar durante audiência pública com o Representante Comercial da Casa Branca, Jamieson Greer.

A intenção anunciada pelo principal desafiante do presidente Lula é argumentar pela retirada das tarifas recém-impostas por Trump ao Brasil — justamente depois de receber na Casa Branca, para breve sessão de fotos, o “Bolsonaro Jr.”, como se referiu adiante o candidato.

Depois de ter articulado a pressão de Washington sobre o Planalto, com o irmão Eduardo, Flávio aposta em voltar para o país como o guru de anedota que tira da sala o bode que ele mesmo tinha feito entrar.

Linhas tortas

A tragédia dos terremotos na Venezuela desenhou, por linhas tortas, um caminho para a diplomacia brasileira falar mais de perto com a substituta de Maduro, Delcy Rodríguez. Sintomático que a nota oficial de pesares emitida pelo Itamaraty se refira a ela como “presidente encarregada”, conforme a designação oficial adotada em Caracas.

Quando o presidente foi capturado, em janeiro, o governo brasileiro condenou a intervenção ordenada por Trump, mas escolheu um tom modulado para não soar como endosso claro ao governante vizinho. A última reeleição de Maduro, em 2024, foi questionada pelo Planalto, o que motivou ataques duros ao assessor especial Celso Amorim. Em resposta, o Brasil vetou o ingresso da Venezuela como membro pleno do Brics. E negou convite para a cúpula do bloco no Rio, em 2025.